PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014, 224 p.

└ PAULA NOGUEIRA PIRES BATISTA
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v24i24p591-597

Deus está morto, e levou consigo a natureza. O pênis, como origem da diferença sexual, também encontra em *Manifesto contrassexual*, de Paul Beatriz Preciado, a sua morte: no princípio era o dildo. Seria possível mesmo dizer que, entre as contribuições dessa fundamental obra para o debate *queer*, está o mandar do pênis e do sistema tradicional de representação sexo/gênero à *merda*, por meio de golpes teóricos de dildos e de uma abertura epistemológica do cu, para a qual o pensamento de Judith Butler, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jacques Derrida – esse último, professor de Preciado ao final dos anos 1990 e quem o convidou à *L'École des Hautes Études en Sciences Sociales* –, fazem-se influentes, principalmente no questionamento de aspectos biopolíticos da cultura.

Não por acaso, a edição de *Manifesto contrassexual*, lançada no Brasil doze anos após a publicação original em espanhol – sendo o *Manifesto* também o primeiro livro de Preciado traduzido para o português –, apresenta em sua capa, ilustrada pela cartunista brasileira Laerte Coutinho, um orifício físico que remete ao ânus, seguindo a proposta de desterritorialização do sexo, influenciada por Deleuze e Guattari. Nessa proposta, tudo é dildo e tudo se torna orifício. Da capa, os orifícios-cus resistem até a última página, perfurando toda a obra, o que sugere a importância de, ao lê-la, abriremos esses caminhos e adentrarmos-los. Como leitura, creio mesmo na necessidade de *fistá-lo*, com o realizar de um verdadeiro *body-fucking* no texto, no qual todo o corpo de quem lê atue como o punho do *fist-fucking*, penetrando-o – processo em que a noção do corpo como definido pela modernidade seja desconstruída, como proposto pela contrassexualidade de Preciado. Assim, acessamos o texto por meio de seu cu – que é oferecido logo de cara a quem por ele se interesse.

Para a compreensão da obra, alguns aspectos biográficos e teóricos sobre Preciado – que herda um posicionamento radical do pensamento

pós-estruturalista francês e leciona Teoria de Gênero em diferentes universidades, como a Université Paris VIII, a École de Beaux Arts de Bourges e o Programa de Estudos Independentes do Museu d'Art Contemporani de Barcelona –, mostram-se relevantes. Considerado atualmente um dos nomes mais expoentes da teoria *queer* e dos estudos de gênero, com influência do anarquismo espanhol, Preciado afirma destinar total descrença à nação ou a um suposto deus – deus que estaria para a natureza assim como o pênis para a sexualidade.

É nesse sentido que emerge sua proposta de contrassexualidade: o decretar do fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de determinados corpos a outros, incluindo, no realizar dessa morte, propostas de práticas de tecnologias de resistência – ou melhor, de contradisciplina (p. 22) –, as quais revelam aspectos políticos do desejo, aqui desterritorializado do que se entende como centros erógenos do corpo. A partir de uma leitura de fundo derridiana, Preciado apresenta as reflexões acerca do dildo: um objeto de plástico revelador da plasticidade do sexo, as quais se fazem fundamentais para pensar a tecnologia contrassexual e o sexo como tecnologia.

Preciado toma o dildo por análise para denunciar o caráter prostético do gênero, o qual, ao contrário do que afirma Butler, será entendido aqui como dado apenas na materialidade dos corpos. O gênero, assim como o dildo, fugirá das falsas dicotomias colocadas pela metafísica, uma vez que ele “se parece com o dildo” porque “ambos vão além da imitação” (p. 29). O dildo denuncia esta falsa dicotomia entre o verdadeiro e o falso, o masculino e o feminino, assim como Derrida, a partir da leitura de Saussure, radicalizou a ligação arbitrária entre significante e significado e Butler a levou para o questionamento da separação, na teoria feminista, de sexo e gênero – sendo, ambos, no final, a mesma coisa. Preciado afirmará que o pênis é dildo, o que revelará afinal a sua plasticidade. Ao dildo é reservada inclusive parte anexa do livro, dedicada a explicar sua escolha e suas etimologias possíveis, que jogam com significados que vão desde “estúpido ou idiota” até “amor reflexivo” (p. 199) – em paralelo ao ocorrido com a reapropriação do termo *queer* – de ofensa a resistência.

Importante ainda é pensar nas formas pelas quais Preciado se insere nos debates sobre os modos de subjetivação e identidades, com críticas ao que considera uma necessidade ocidental de redução da verdade do sexo ao binômio homem/mulher. Por meio da recusa em acatar as premissas de tal necessidade, resiste a ela, dedicando sua vida a dinamitá-la e assim celebrando a multiplicidade do sexo – o que se faz presente desde sua expressão de gênero até sua produção ativista e filosófica. Nos explosivos que participam da produção dessas dinamites, incluem-se os expe-

rimentos de tecnologias de autogestão de seu corpo, como a experiência de autoaplicação do hormônio testosterona durante 236 dias – uma metáfora política, alusiva à contestação do controle da vida, dos corpos e das sexualidades que permanece nas mãos do Estado e dos saberes e normas *psi* –, relatada com detalhes em *Testo Yonqui: sexo, drogas e biopolítica* (Madrid, Espasa-Calpe, 2008).

No prefácio de *Manifesto contrassexual*, escrito por Marie-Hélène/Sam Bourcier, é ressaltado o humor corrosivo e o rigor teórico de Preciado, cuja produção se insere na tradição encontrada na New School for Social Research, nos circuitos *queer* dos Clags (Centro de Estudos Gays e Lésbicos) de Nova York e na Universidade de Princeton, e que leva o *Manifesto* a um verdadeiro marco *queer*. Chama atenção sua ponderação quanto à necessária resistência a simplesmente inserir o trabalho de Preciado no campo pós-moderno ou pós-feminista, uma vez que a própria obra se dedica a questionar os binarismos problemáticos contidos na dualidade evolutiva pré/pós – bem como em outros binôminos rompidos no *Manifesto*, a exemplo de homossexualidade/heterossexualidade, natureza/tecnologia. Evidente também é a relevância apontada por Bourcier quanto ao processo de desconstrução das ficções filosóficas francesas empregado por Preciado, assim como os ensinamentos presentes de que não existiriam textos originais: todo o empreendimento dirigido às leituras seriam, afinal, processos de tradução (p.13). Nesta visão, esta seria inclusive uma das grandes contribuições do *Manifesto*.

O primeiro capítulo da obra será dedicado, à explanação do que é a contrassexualidade – nome que advém da noção foucaultiana de resistência enquanto contraprodutividade, em vez de proibição – bem como à apresentação dos princípios da sociedade contrassexual e do modelo do contrato contrassexual. Assim como Marx partiu da mais-valia para a análise econômica, e não da então esperada noção de população, ao tratar a sexualidade, Preciado terá como ponto de partida o dildo – um objeto de plástico, marginal, que supostamente substituiria o pênis em sua falta –, e não noções como gênero ou diferença sexual. Os trabalhadores do ânus seriam então os “novos proletários de uma possível revolução contrassexual” (p. 32). É subvertendo tais atribuições ao dildo que Preciado, munindo-se da desconstrução derridiana e da respectiva noção de “perigoso suplemento” e de prótese, fará a tal reviravolta linguística conhecida no pensamento de Derrida, trazendo o dildo para o lugar central e produtor do pênis, o qual, antes, supostamente suplementaria.

Na contrassexualidade, os corpos passam a ser entendidos como textos, alheios ao binômio homem/mulher, e o sistema sexo/gênero é compreendido como um sistema de escritura. Contudo, Preciado não afirma o resu-

mo das intervenções políticas necessárias a variações de linguagem, mas à incitação de sua subversão, cuja força pode ser percebida na resignificação de termos antes ofensivos e no que esse processo diz sobre o protagonismo social e político de grupos marginalizados. Importante também aqui a compreensão da sexualidade enquanto tecnologia biopolítica, como já colocado por Teresa de Lauretis, o que remete à leitura dos elementos do sistema formulado inicialmente por Gayle Rubin, na contrassexualidade, agora como máquinas de inscrição: próteses, como será entendido o próprio gênero.

Com influências também do *Manifesto ciborgue*, de Donna Haraway, Preciado parece acatar a proposta dessa autora de imaginar um mundo sem gênero, ao passo que no *Manifesto contrassexual* está presente a ideia de natureza enquanto negociação das fronteiras entre organismo e máquina, órgão e plástico. Na superação dos binômios proposta por Preciado, não se trataria simplesmente de apagar as marcas de gênero nos textos, mas de questionar as suas tecnologias de inscrição, o que pode ser compreendido quando lembramos que, para Derrida, a textualidade não está limitada ao discurso, mas compreende as realidades, viajando pelas diferentes dimensões do vivido.

No segundo capítulo do livro, são apresentadas práticas de inversão contrassexual, como a *dildotectônica* e a *dildotopia*, além da narração do ânus solar de Ron Athey, a masturbação de um braço e técnicas para fazer com que um dildo-cabeça goze. Como propostas parodísticas, tais práticas podem ser lidas como exemplificações daquilo que os princípios da sociedade contrassexual propõem: novas tecnologias de sexualidade de resistência, contradisciplinas, alheias a quaisquer fins reprodutivos e contra-producentes, alternativas de prazer-saber e saber-p(h)oder. Nas práticas, não há a vinculação a qualquer binarismo homem/mulher, mas a corpos que gozam. Se para Foucault um gesto contrassexual compreenderia tais reajustes relacionados à tecnologia do sexo, essas práticas caminham no entendimento do corpo como centro de resistência e construção biopolítica.

Preciado, no terceiro capítulo, “Teorias”, intitula a primeira parte como alusiva à *lógica do dildo ou as tesouras de Derrida*. Nela, está o argumento do dildo como verdade da heterossexualidade enquanto paródia (p. 84), negando a falsa relação entre falo e dildo estabelecida por determinadas lésbicas feministas antidildo, apontando-o como similar ao discurso homofóbico: a de que todo sexo fálico seria hétero e de que todo sexo hétero seria fálico. Aqui, apoiada em De Lauretis e Butler, a autora afirma o lugar do dildo enquanto estratégico, de denúncia do pênis de se passar pelo falo, negando, afinal, a existência do próprio falo, sendo este na realidade a hipótese do pênis. É nessa parte também que Preciado adensará a sua análise

derridiana do dildo como suplemento que produz, elaborando um intenso tráfico de significados, no qual o dildo surge como um instrumento entre outras máquinas que fazem parte do sistema complexo de estruturas reguladoras que é o próprio sexo como tecnologia biopolítica. Se o pênis só poderia ser suprimido pelo dildo porque este é mais real que aquele (p. 82), o órgão anatômico será traído. Com esse deslocamento, o dildo adquire o símbolo de potência, de significante do sexo, e a morte do pênis é, portanto, anunciada. Mesmo o pênis torna-se dildo e o corpo torna-se, então, contrassexualizado.

Na segunda parte do capítulo, “Breve genealogia do orgasmo ou o vibrador de Butler”, é feito um jogo, que vai de Judith Butler e de sua noção de gênero enquanto performance até John Butler, nome atribuído à invenção do primeiro eletrovibrador doméstico dos Estados Unidos. Nessa seção, a crítica de Preciado ao processo argumentativo de Butler é adensada, principalmente no que tange a materialidade das práticas e dos efeitos de inscrição do gênero no corpo, incluindo os processos e transformações corporais pelos quais passam especialmente as pessoas transgêneras e transexuais, os quais Butler é acusada de ignorar. Com reflexões sobre os limites do construtivismo, também são atacadas as tecnologias de repressão e reprodução do orgasmo ao longo dos séculos, antecedentes aos *sex toys* e tidos como instrumentos de fetiche, as quais a análise apresenta como lados de uma mesma técnica: práticas repressivas que posteriormente foram recortadas e reapropriadas em outros usos-prazeres, relacionados principalmente ao universo S&M, a exemplo dos cintos de castidade e dos piercings genitais.

Dando continuidade à tentativa de fuga do que considera como um falso debate entre essencialismo e construtivismo, em “A industrialização dos sexos ou *money makes sex*”, Preciado analisa o estudo de órgãos sexuais cirurgicamente reconstruídos ou que sofreram alterações hormonais. Tal título realiza um trocadilho com o nome de John Money, professor de psicopediatria, em Nova York, que desenvolveu protocolos de gestão de crianças intersexuais, tornando-se também um nome prescritivo na psicologia transexual. Há nessa parte a crítica, por exemplo, à ideia de “invaginação do pênis”, ou do “devir-vagina” contido no pênis, alusiva à feminilidade contida na masculinidade, noção presente no discurso médico e reveladora das implicações políticas de tais práticas e domínios.

A análise dessas técnicas revelaria também, afinal, a “mesa de operações abstrata” que é a própria tecnologia sexual, que recorta e seleciona arbitrariamente determinados órgãos na existência humana e lhes confere significados que totalizarão o corpo e significarão a existência, destinando os demais à periferia. Apresenta-se aqui o argumento já colocado por Butler, de que os corpos só adquirem significado enquanto sexuados, caindo na

abjeção da monstruosidade aqueles cuja existência fuja da correspondência exigida pela matriz heterossexual de inteligibilidade cultural.

Na última parte do capítulo, “Tecnologias do sexo”, com influência de Donna Haraway, Teresa de Lauretis e de Foucault, a argumentação de Preciado gira em torno da tecnologia enquanto chave que estrutura espécies, gênero, “raça” e cultura. Nela, são pensados os dispositivos de fabricação do sexo e as abordagens da tecnologia nos discursos feministas e antropológicos. Na superação do falso dualismo essencialismo/construtivismo, suas críticas vão além do feminismo essencialista como alvo e englobam a abordagem construtivista, no sentido de que ela naturalizaria a masculinidade ao pressupor apenas a feminilidade como procedimento tecnológico de construção, tomando a tecnologia como aquilo que modifica a natureza, e não como o que a produz. Essencialismo/construtivismo apresentariam, portanto, armadilhas semelhantes, com um mesmo fundamento metafísico. Preciado apoia-se então na noção foucaultina de tecnologia, cuja força consistiria em escapar à ideia de controle e repressão.

No capítulo final, “Exercício de leitura contrassexual”, é colocado em foco a homossexualidade molecular de Deleuze, apresentando a “filosofia como modo superior de dar o cu”. Nele, são questionados os objetivos de Deleuze e Guatarri quanto à distinção e ao uso das homossexualidades como molecular ou global, e inclusive quanto ao seu não compartilhamento por Foucault. Ao se definir como “homossexual molecular”, Deleuze acionaria o conceito de transversalidade, que permitiria que se pense ou escreva sobre determinados fenômenos sem tê-los vivido, tratando-se de possibilidades de experiência de devir. Preciado coloca então como a história da filosofia surge como uma história do dar o cu – “uma cadeia de fecundações anais entre homens” (p. 192). A heterossexualidade molar surgirá ao final como verdade da homossexualidade molecular, com um questionamento que vai além sobre o porquê de não terem Deleuze e Guatarri saído do armário enquanto heterossexuais (p. 193).

Ao término dessa *fistada* filosófica, seu objetivo-gozo se anuncia: o explodir de cabeças, corpos, pênis e ânus diante de uma dinamite disparada contra a concepção naturalizada da sexualidade e heteronormatividade reguladora dos corpos/gêneros/desejos. Se o livro é uma paródia, com golpes de dildo à “realidade”, deslocamentos e recortes feitos pelas tesouras-sapas e defesa do direito de não ser nem homem nem mulher, desejável se faz uma leitura que nos estimule enquanto corpos falantes, numa ótica de multidões *queer* – unidas não pelas identidades, mas pelo coletivo como luta contra a normatização –, que nos permita acima de tudo gozar, inclusive politicamente, e que comece e termine pelo cu: o centro erógeno universal, sem fins produtivos ou reprodutores, e canal pelo qual o sistema

tradicional de sexo/gênero se encontrará, final e apocalipticamente, com a morte do deus-natureza, a merda.

autora

Paula Nogueira Pires Batista

É mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG).

Recebido em 9/07/2015

Aceito para publicação em 21/01/2016